

Motiva(ação): Por que fazer vídeo estudantil na educação básica?

Dayara de Souza Franco
Rita Martins Vilela
Josias Pereira
Universidade Federal de Pelotas

INTRODUÇÃO

A produção de vídeos estudantis no ensino básico é um tema que vem ganhando cada vez mais espaço no meio pedagógico. Professores se mostram cada vez mais interessados em explorar novas formas de construção de conhecimento dentro de suas disciplinas e tentam, assim, aplicar metodologias que dialoguem de forma coesa com a realidade em que o aluno se encontra. A cada ano a sociedade se encontra cada vez mais conectada ao mundo digital e suas tecnologias e atualmente é cada vez mais incomum encontrar alguém que não possui um smartphone ou conhece alguém próximo (pais, tios, primos) que possuem um. Crianças são iniciadas no mundo tecnológico desde os primeiros anos e se tornam alunos da educação básica com conhecimentos da área desde o ensino fundamental. Então como dialogar diretamente com estas experiências pessoais dos alunos? Uma maneira seria então a produção de vídeos estudantis como forma de avaliação dentro do currículo oficial dos professores.

No Laboratório Acadêmico de Produção de Vídeos Estudantis (LabPVE), por meio de pesquisas, foi percebido o crescente interesse dos docentes na produção de vídeos e então surgiu a questão: O que motiva esses professores? Por que eles produzem vídeos com seus alunos? Assim, então, decidiu-se realizar uma pesquisa com professores que se encaixam neste perfil preestabelecido. A pesquisa em questão traz uma discussão sobre o assunto utilizando entrevistas com professores realizadores para então teorizar e entender o motivo que estes professores possuem para produzir e, principalmente, para continuar produzindo vídeos estudantis e assim também incentivar outros professores a virem a fazer o mesmo.

METODOLOGIA

O método de pesquisa utilizado foi a pesquisa qualitativa. Foram feitas três entrevistas a distância por meio de vídeo-chamadas com professores que já são produtores

de vídeos estudantis. Para tal, foi utilizada a ferramenta gratuita *Google Meet*. Dois destes três professores já tinham algum tipo de contato com o LabPVE e, por isso, foi facilitado o contato com os mesmos. É importante ressaltar que estes docentes aplicam até hoje experiências aprendidas nas ações do projeto.

Foram elaboradas doze perguntas utilizadas nas entrevistas que ocorreram nos dias 7 e 8 de setembro de 2020 de forma individual. Elas foram gravadas e transcritas para serem utilizadas no desenvolvimento deste artigo. Para preservar a identidade dos entrevistados, eles serão citados como Professores X, Y e Z. As perguntas englobam questões sobre as motivações e interesses que os professores tiveram e têm para produzir vídeos estudantis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com as entrevistas foi possível perceber e discutir diversas questões relacionadas à produção de vídeo estudantil. Destes três entrevistados, as Professoras X e Y são da grande área das ciências exatas, especificamente matemática. O Professor Z é da área de Letras, leciona literatura e inglês.

A “Professora X”, ao ser questionada sobre o que a motivou a fazer vídeo estudantil, pontua sobre a necessidade de quebrar o paradigma sobre a matemática ser difícil e tornar a mesma mais acessível aos alunos. Também aponta a questão da disciplina ser vista pelos alunos como algo mecânico, diretamente ligada somente ao cálculo, aos exercícios de repetição e a memorização de conceitos. Paulo Freire (2019) aponta os perigos da memorização mecânica como forma de apresentar o conteúdo para o aluno. A repetição, citada pela professora, é uma forma muito utilizada para propiciar a memorização mecânica de algum conteúdo e é necessário repensar neste paradigma sobre o aprendizado, principalmente - mas não exclusivamente - dentro da área de exatas.

A memorização mecânica do perfil do objeto não é aprendizado verdadeiro do objeto ou do conteúdo. Neste caso, o aprendiz funciona muito mais como *paciente* da transferência do objeto ou do conteúdo do que como sujeito crítico, epistemologicamente curioso, que constrói o conhecimento do objeto ou participa de sua construção. (FREIRE, p. 67, 2019)

A Professora X fez um contraponto e mostrou que com a produção de vídeo é criado um ambiente propício à aprendizagem. Neste ambiente é possível criar

possibilidades para a construção do conhecimento, ao invés de apenas transferir o mesmo, como já diria FREIRE. Ela relatou sobre como o vídeo pode vir a ajudar na prática e na abordagem do docente: ao pedir aos alunos que produzissem um vídeo em que eles falassem sobre onde a matemática está presente em seu cotidiano ou sobre como eles explicariam algum dos conteúdos já vistos em sala de aula, ela percebeu, em alguns vídeos, que determinados alunos não haviam fixado a matéria de forma correta e cometiam erros conceituais. A Professora X então fala sobre o vídeo como ferramenta para poder repensar a prática docente e também como oportunidade para o aluno ter uma relação diferente com a matéria.

A Professora Y também possui opinião parecida. Seus alunos produziram vídeos utilizando o conceito de porcentagem, os alunos, então, entrevistaram pessoas de seu círculo social para quantificar os que utilizavam bebidas alcoólicas e/ou remédios, relacionando o tema com suas vivências. Já o Professor Z aponta sua preferência para curta-metragens de adaptações literárias como ferramenta para aproximar o aluno aos conteúdos e textos vistos em sala de aula. Isso gera uma leitura mais profunda do material uma vez que o aluno lidou diretamente com o roteiro escrito a partir destes textos. Destaca-se que todos os três professores têm em comum a necessidade de aproximar cada vez mais o tema da disciplina ao aluno e, para tal, utilizam o vídeo estudantil como ferramenta. Através dele, o aluno conseguirá ter maior autonomia para aprender o conteúdo e tomar as decisões desde o início da produção dos vídeos até o momento da entrega final, sempre com muito contato com a disciplina durante o processo.

A autonomia enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade. (FREIRE, p. 105, 2019).

As Professoras X e Y apontam que, apesar de gostarem da produção de vídeos e os alunos ficarem entusiasmados, ainda apresentam certa resistência por terem que incluir questões matemáticas: eles preferem ter liberdade para produzir vídeos de temática livre. Com algum diálogo, ambas as professoras conseguem um meio termo em que os alunos se sentem mais livres na escolha dos temas e, consequentemente, mais animados e dispostos. Já o Professor Z explica que os alunos sempre se engajam para fazer os vídeos, mas, em certos momentos, principalmente após já terem feito algum anteriormente, eles apresentam desânimo por saberem que a produção é desgastante e trabalhosa. Assim

como as outras professoras, Professor Z diz ser possível dialogar com estes alunos e tornar o processo mais leve. Ele aponta que, com prazos maiores e com pequenas atividades para entregar ao longo do ano letivo, é possível fazer com que a experiência se torne mais agradável.

Um dos desafios importantes para o educador é o de rever a sua prática docente e de estar em constante adaptação. É importante entender que “é pensando criticamente na prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” (FREIRE, p. 40, 2019) pois assim a adaptação e o diálogo entre professor e aluno acontece e proporciona um ambiente mais propício à aprendizagem e à construção do conhecimento.

A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos, em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. (FREIRE, pág 83, 2019)

A Metodologia PVE (Metodologia da Produção de Vídeos Estudantis) possibilita o diálogo entre professor e aluno, já que cria um ambiente saudável entre discente e docente ao se relacionarem para produzir vídeos, a metodologia PVE também aponta que o aluno aprende no processo da produção de um vídeo e não somente no vídeo final. Todos os professores entrevistados destacam a importância do trabalho em grupo dentro da produção de vídeo estudantil: devido ao cinema ser uma arte coletiva, não existe vídeo se uma parte do grupo decidir não fazer suas responsabilidades dentro da produção. Assim os educandos percebem o quanto importante é saber lidar com pessoas diferentes e também com suas responsabilidades individuais dentro de uma equipe, algo que dentro do modelo mecânico de ensino, dentro de sala de aula, eles não teriam contato.

Dentro da metodologia PVE existe uma relação de aprendizado mútuo e que tanto eles quanto os alunos aprendem juntos, algo que Paulo Freire (2019, p. 24) diz em sua última obra: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.”

CONCLUSÃO

A produção de vídeos estudantis possui uma grande gama de assuntos que podem ser abordados, inclusive, todas as áreas do conhecimento. É possível utilizar esta ferramenta para a construção de conhecimentos e para aprendizados tanto humano quanto científico.

Dentro da produção de vídeos estudiantis é possível discutir conteúdos com maior autonomia, em um ambiente propiciado e construído com ajuda e diálogo do professor com o aluno, em que há incentivo à curiosidade e, consequentemente, à criatividade do aluno. Desta forma, ensina-se a trabalhar em equipe e lidar com as pessoas de seu círculo social - sem tanto individualismo e competitividade - desde a educação básica e se forma, assim, um aluno mais preparado para as questões sociais da vida adulta. Neste ambiente, é possível a aproximação direta entre aluno e objeto estudado. Isso faz com que o discente entenda melhor sobre o que está estudando, pois só dessa forma conseguirá construir um bom vídeo que exprima o que ele pode aprender durante o processo e, assim, cria as possibilidades para a produção do conhecimento como defende (FREIRE,2019).

Não resta dúvida de que, na atualidade tecnológica, é necessário encontrar uma forma mais direta e menos mecanicista de ensinar, para se criar ambientes mais saudáveis e se aprender com mais entusiasmo. A produção de vídeo estudiantil se mostra como uma das ferramentas mais viáveis e atuais neste quesito, pois dialoga diretamente com os alunos e com suas realidades que estão cada vez mais relacionadas ao mundo da tecnologia e com a vivência diária de consumir produtos audiovisuais, como desenhos, filmes, vídeos ou propagandas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 62^a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.